

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

A sempre alucinante Virginia Woolf

Já registrei, a propósito de outros espetáculos deste Porto Verão Alegre, a oportunidade de se conhecer espetáculos estreados anos atrás mas que, por um ou outro motivo, passaram despercebidos ou nem sempre foram assistidos por todo o seu público potencial. É o caso de *Hallucination: Vida e obra de Virginia Woolf*, obra que estreou há mais de uma década, mas que continua atual. Desconhecia a obra e me senti extremamente provocado por ela, quando agora, mais de uma década depois, me encontro com este trabalho - ressaltando que, ao longo deste tempo, mudaram os elencos do espetáculo, como seria natural. Com roteiro e direção de Desirée Pessoa, o espetáculo tem dupla interpretação de Gabriela Semensato e Lara Mohana, vivendo, respectivamente, a própria Virginia e seu duplo, a irmã Vanessa, numa relação complexa de complementariedade e de oposição.

Acertadamente, o projeto de Desirée Pessoa não pretende ser uma biografia da escritora, mas, sim, explorar os climas de alucinação vividas

pela artista. Para isso, o cenário de Isabel Sommer e Vera Junqueira não é realista, mas apresenta elementos que ajudam na dramaturgia, como a banheira - alusão à fascinação de Virginia Woolf pela água, o que a levaria ao suicídio nas águas do rio Ouse, perto de sua casa, em Sussex. Além disso, cortinas, cordas, jarras e outros elementos esparsos compõem uma cenarização que permite o desdobramento de ações e a concretização de sentimentos que ambas as personagens experimentam, ao longo da vida e, neste caso, do espetáculo.

Também têm importância os figurinos de Rosângela Cortinhas, que permitem desdobramentos (uma roupa retirada revela outra vestimenta por debaixo), dinamizando a encenação. Felizmente para as atrizes, o atual espetáculo ocorre no verão, porque fico pensando como elas enfrentam o frio de permanecerem molhadas, durante uma boa parte da encenação, em

pleno inverno porto-alegrense.

Gabriela e Lara estão bem ensaiadas e bem dirigidas. Seus gestos e ações em cena são precisos, mas ainda assim naturais, surgindo com espontaneidade da relação entre as personagens. A projeção dos vídeos de Carlos de los Santos, Eduardo Cardoso e Juliá Terra completa um ambiente onírico e ao mesmo tempo realista, evocando imagens da mente de Virginia, mas também os espaços que constituem as memórias da escritora. Concentrando-se nos desvios emocionais de Virginia Woolf *Hallucination*, ao mesmo tempo, explora algumas passagens de seus textos, mas nada além do suficiente para ilustrar alguns dos aspectos ressaltados pelo roteiro.

Nestes mesmos dias, Desirée Pessoa está apresentando um trabalho bastante recente de sua carreira, *Apus apus*. Assim, o espectador que assistir aos dois trabalhos poderá compará-los e avaliar a trajetória e evolução da realizadora e de seu grupo, o Neelic.

Desirée Pessoa é destas artistas a quem se deve prestar atenção e respeitar pela sua re-

siliência e fidelidade às ideias que defende. Tenho acompanhado a realizadora e seu grupo praticamente desde seu início, caracterizado pela coragem da experimentação e a preocupação com as questões do momento, sobretudo o espaço da mulher numa sociedade homofóbica e preconceituosa. Mas longe dos discursos, Desirée tem evidenciado a compreensão correta de que fazer teatro, ainda que para discutir ideias, é, antes de tudo, fazer teatro, ou seja, precisamos ter um espetáculo acontecendo frente ao espectador, algo que prenda sua atenção e provoque seu interesse. Fiel a isso, Desirée propõe momentos poeticamente muito bonitos em cada um de seus espetáculos. No caso deste *Hallucination*, o simples fato de colocar as duas irmãs em cena evidencia respeitar e valorizar aquilo que melhor caracteriza o drama: a oposição de vontades, expressa através de ações que ocorrem no palco.

Desirée Pessoa mostra a compreensão de que fazer teatro, ainda que para discutir ideias, é, antes de tudo, fazer teatro

acontece

U2 lança de surpresa EP *Days of Ash*, primeiro disco de originais desde 2017

ANTON CORBIJN/DIVULGAÇÃO/JC



EP inédito aborda temas políticos, como a violência do ICE e conflitos no Irã e em Gaza

A morte de Renee Good por agentes do ICE (Serviço de Imigração e Alfândega dos EUA), os protestos contra o líder supremo do Irã, o aiatolá Ali Khamenei, e a violência contra palestinos na Faixa de Gaza são alguns dos temas abordados pelo novo EP do U2, primeira coletânea de músicas inéditas lançada pela banda desde 2017.

Com o título *Days of Ash*, a produção reúne seis canções e vem na esteira de declarações recentes feitas pelo vocalista da banda, Bono. Em entrevista à *Propaganda*, fanzine dedicada ao U2 que se encerrou em 2000, mas retornou para o lançamento do novo EP, o cantor descreve Good, tema da primeira música da produção, *American Obituary*, como “uma mulher comprometida com a desobediência civil não-violenta”.

A *Propaganda*, ele também afirmou ter se incomodado profundamente com o fato da vítima ter sido classificada por Kristi Noem, chefe do Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos, como terrorista doméstica. “Isso foi uma tentativa de assassinar o próprio significado da verdade”, diz Bono, que diz acreditar na necessidade de novas investigações sobre o caso. “Se você deixar as pessoas saírem impunes disso, pode dar adeus à sua democracia.”

A música *Song of The Future*, por sua vez, é dedicada às mulheres que participaram do movimento Mulheres, Vida, Liberdade no Irã, e homenageia Sarina Esmailzadeh, jovem de 16 anos morta em 2022, após ter sido espancada pelas forças de segurança iranianas durante protestos, conforme concluiu uma investigação con-

duzida pela Anistia Internacional.

Também em entrevista à *Propaganda*, Bono classifica o grupo dominante do Irã como “classe sacerdotal de homens cuja interpretação subjetiva do texto sagrado se torna um instrumento para esmagar a cabeça de qualquer um que discorde.”

Já *One Life at a Time* é dedicada à ativista Awdah Hathaleen, palestina envolvida na produção do documentário vencedor do Oscar *Sem Chão*, e morta na Cisjordânia em julho de 2025 por um colono israelense. *The Tears of Things*, por seu turno, se baseia em ensinamentos de profetas da religião judaica para condenar a violência generalizada do contemporâneo.

“Foi a força moral do judaísmo que ajudou a moldar a civilização ocidental”, afirma Bono à *Propaganda*. “Assim como a islamofobia, o antissemitismo deve ser combatido sempre que o presenciamos. O estupro, o assassinato e o sequestro de israelenses em 7 de outubro foram atos malignos, mas a legítima defesa não justifica a brutalidade desenfreada da resposta de Benjamin Netanyahu (primeiro-ministro de Israel)”.

Ao final do EP, em que ainda é recitado um poema do israelense Yehuda Amichai, *Wildpeace*, a canção *Yours Eternally* conta com participação do músico Ed Sheeran, que canta ao lado do músico e ex-soldado ucraniano Taras Topolia.

“Pergunte a qualquer pessoa na Alemanha Oriental, na Polônia ou na Letônia se eles acham que Putin vai parar na Ucrânia se puder sair impune?”, diz Bono à *Propaganda*. “Ele encontraria uma desculpa para invadir a Irlanda se isso lhe conviesse.”

A coluna de cinema, assinada por Hélio Nascimento, não será publicada nesta semana.